



ESTUDOS NIETZSCHE

VOL. 14 - N. 1 ISSN 2179-3441

Editorial

O presente número da *Estudos Nietzsche*, o primeiro do ano de 2023, é também o primeiro publicado com o novo *design* da revista, uma nova identidade visual e um novo *template* para os artigos. Por este trabalho, os editores gostariam de agradecer à equipe de apoio e de produção editorial. O número representa a consolidação do trabalho da nova dupla de editores e a fixação de uma prática editorial que, em continuidade com o modelo adotado nos últimos volumes, passará a intercalar a publicação de números com artigos recebidos em fluxo contínuo, sob responsabilidade dos editores titulares, e dossiês temáticos que estarão sob responsabilidade de editores convidados.

A edição que o leitor tem em mãos é composta por artigos recebidos em fluxo contínuo. Em seu conjunto, os textos dão testemunho de algumas das muitas direções que a pesquisa Nietzsche vem assumindo ao longo das décadas, passando pela discussão em torno da forma e do estilo de escrita de Nietzsche, sua recepção de diversas tradições literárias e filosóficas, a relação entre vida e obra, o problema da normatividade e da crítica à moral, e, por fim, a recepção de Nietzsche em contextos específicos do ambiente intelectual e institucional brasileiro.

Os dois primeiros artigos têm como questão comum a forma literária de apresentação da filosofia de Nietzsche – seus pressupostos, suas ambiguidades e suas implicações. O primeiro texto, de André Luis Muniz Garcia, intitulado: “A forma da escrita livre: Nietzsche e a prosa de ficção”, busca mostrar como o estilo nietzscheano pode ser pensado em continuidade com a tradição da prosa poética na literatura, que é exemplificada principalmente pela obra de Luciano de Samósata. O intuito é reincorporar o conceito de “ficção” à prática de uma “escrita livre” e desobrigá-lo de cumprir a função de operador epistemológico no interior da crítica à metafísica, tal como ele é frequentemente compreendido pelos comentadores. Assim, a ficção deixaria de ser pensada no horizonte especulativo, sendo deslocada para o campo da poética do *pseûdos*, que dá forma a um discurso em prosa marcado pelo descompromisso com a verdade e pela adesão confessa à mentira, ao fictício e ao ficcional. A análise se desdobra à luz da relação entre a forma livre da prosa e o conceito de “decadência” aplicado à arte literária, tendo por objetivo reabilitar positivamente esse conceito, trazendo à tona as potencialidades da decadência de

modo a resgatá-la da conotação majoritariamente negativa que lhe foi atribuída pela literatura especializada.

O segundo artigo é de Francisco Leidens e tem por título: “Os aforismos de Nietzsche: entre o fracasso editorial e a honestidade expressiva”. O ponto de partida do autor é a discussão sobre qual é o aforismo ao qual Nietzsche se refere no Prólogo da *Genealogia da moral* (GM, Prólogo, 8), quando diz que a Terceira dissertação constitui o comentário e a interpretação de um aforismo que a precede. O trabalho de Leidens restitui pormenorizadamente as posições e as contribuições mais importantes da literatura secundária em torno dessa questão. Sua conclusão, quanto a isso, está em consonância com a leitura estabelecida pela análise filológica de Wilcox, Janaway e Clark: o referido aforismo não é, como pode parecer à primeira vista, o curto trecho de *Zarathustra* que serve de epígrafe à Terceira dissertação, mas sim o primeiro parágrafo da dissertação. A partir daí, porém, Leidens encaminha seu argumento no sentido de mostrar que o modelo de comentário praticado pelo próprio Nietzsche neste caso está longe de constituir o modelo “ideal” de leitura e interpretação de seus aforismos em geral, mas responde, antes, a demandas extrínsecas ao horizonte hermenêutico e conceitual; demandas de ordem editorial, mercadológica e divulgatória, que podem ser reconhecidas a partir da leitura da correspondência do filósofo. Além disso, o artigo oferece uma esclarecedora discussão sobre o que é um “aforismo”, do ponto de vista literário e estilístico, em se tratando da escrita nietzscheana.

Com o terceiro artigo, assinado por Gabriel Herkenhoff Coelho Moura, a discussão em torno dos recursos retóricos mobilizados pelo filósofo não é abandonada, mas é deslocada para segundo plano em prol de uma análise da recepção do jovem Nietzsche da tradição kantiana – que inclui Lange e Schopenhauer – e dos pré-socráticos. O foco agora recai sobre a primeira obra, *O nascimento da tragédia*, e sobre o modo como Nietzsche se apropria de fórmulas kantianas e schopenhauerianas para elaborar sua metafísica de artista, em consonância com as exigências da tradição crítica, como uma metafísica imanente, a partir do recurso à ideia langeana de *Begriffsdichtung*. Ao mesmo tempo, investiga-se o alcance da influência da filosofia pré-socrática, particularmente de Heráclito, sobre a formulação do pensamento de uma justificação estética da existência, em oposição à moralização do mundo. A apresentação da confluência entre a tradição crítica kantiana, a metafísica imanente de Schopenhauer e a filosofia pré-socrática culmina na ideia de uma *fisiologia de viés estético*, uma visão da *physis* artisticamente produtiva que tem função edificante, responde a demandas culturais específicas e, como “poema filosófico”, mantém-se criticamente ligada ao ponto de vista do ideal, tal como formulado por Lange.

Na quarta contribuição a este número: “Decadência física e força espiritual: uma consideração acerca da plena aceitação da vida em Nietzsche e da sua significação para a compreensão da obra publicada”, Roberto Barros traz uma discussão sobre a indissociabilidade entre vida e obra na filosofia de Nietzsche,

mostrando como alguns dos momentos e dos temas mais importantes de sua filosofia madura têm sua origem nas vivências do autor ligadas à sua frágil condição de saúde, particularmente ao processo de convalescença após acentuadas crises. O testemunho desses momentos é extraído sobretudo dos Prefácios de 1886, e o argumento geral do artigo se constrói em torno da ideia de que a doença e a recuperação são, da perspectiva da narrativa em primeira pessoa que o autor faz de si mesmo na obra madura, os principais eixos que dão movimento ao pensamento da transvaloração, da afirmação trágica, da autossuperação e da ultrapassagem do complexo niilismo / pessimismo.

É na mesma linha temática que se encontra o quinto artigo desta edição, de Maurício Pan, que trata da crítica de Nietzsche à *décadence* a partir de seu confronto com Schopenhauer. O artigo tem como título: “A crítica de Nietzsche à negação da vontade de Schopenhauer enquanto manifestação da decadência”. O fio condutor que o trabalho persegue é a famosa tese de Nietzsche de que a moralidade schopenhaueriana, com sua promoção de modos de ação oriundos e indutores de um silenciamento e de uma supressão da vontade, constitui um juízo de valor negativo sobre a vida que, lido devidamente – sob a ótica do “psicólogo” –, é expressão de uma condição vital degradada, enfraquecida e doente. A atribuição de grandeza ética à negação da vontade, tal como formulada por Schopenhauer, é ela mesma sintoma de uma vontade adoecida, incapaz de se afirmar.

O horizonte normativo e valorativo da filosofia de Nietzsche é ainda o tema da contribuição de Barbara Stiegler, que realiza uma análise comparativa entre a axiologia nietzscheana e a ciência do vivente de Canguilhem em seu texto: “De Canguilhem a Nietzsche: a normatividade do vivente”, o sexto artigo desta edição. A autora recupera o tema da relação entre vida e valor, buscando a determinação de um critério normativo no contexto da ética nietzscheana a partir de sua concepção de saúde vital, e fazendo-a dialogar com as noções de vida, saúde e doença do autor francês. O principal ponto de contato entre as duas filosofias consiste na compreensão de que o critério de valor não está na capacidade de conservação da estabilidade de uma determinada forma de vida, mas na sua capacidade de abertura à diferença, à criação e à incorporação do novo. Isso implica uma nova visão sobre a doença, que passa a valer como elemento diferencial e de ruptura com relação à homogeneidade de uma vida idêntica e estável, tornando o vivente apto à experiência da alteração de condições que perfaz a unidade múltipla de uma vida saudável e criadora, segundo a nova concepção de “grande saúde”, tal como apresentada por Nietzsche em *Ecce homo*, por exemplo. Esse debate é conduzido à luz de um instrutivo confronto com algumas teses de Claude Bernard, autor com o qual Canguilhem se confronta diretamente e que é igualmente citado por Nietzsche num póstumo de 1888.

O fechamento da seção de artigos desta edição traz um novo tema à baila: a recepção de Nietzsche no contexto institucional de formação religiosa no Brasil. Esta última contribuição é assinada por Adilson Felício Feiler e leva o título: “A

recepção de Nietzsche no Seminário Maior Nossa Senhora da Conceição em Viamão/RS. Uma recepção marcada pelo conservadorismo ultramontano”. O texto é parte de uma série de trabalhos do autor que investigam diversas perspectivas a partir das quais a filosofia de Nietzsche foi recepcionada nos ambientes de formação religiosa no Brasil, em particular nos seminários. Adilson Feiler pretende mostrar como, no Seminário Nossa Senhora da Conceição em Viamão, Nietzsche foi recebido com críticas advindas de uma certa incompreensão e de uma posição conservadora marcada pela ortodoxia religiosa e institucional, diferentemente do que ocorreu no seminário jesuíta de São Leopoldo, onde o diálogo com a filosofia de Nietzsche se deu de forma mais aberta e acolhedora.

O presente número conta ainda com uma resenha do livro de Vinod Acharya: *Nietzsche's Meta-Existentialism* (2014), assinada por Gabriel Cunha Hickmann.

A todos(as), boa leitura!

William Mattioli (UFRJ)